

Avança a fusão de sindicatos

Mais fortes para lutar

A constituição de quatro sindicatos, que vão organizar as trabalhadoras e os trabalhadores das indústrias eléctricas, metalúrgicas, química e farmacêutica e da energia, vai permitir responder melhor à ofensiva do patronato e do Governo.

Os novos sindicatos resultam da fusão de oito, dos que integram hoje a Fiequimetal, os quais deverão realizar as suas assembleias-gerais nos últimos dias de Maio, conforme decidiram as suas direcções: o Sindicato dos Metalúrgicos de Braga; o Sindicato dos Metalúrgicos do Norte; o Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro, Viseu, Guarda e Coimbra; o Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa, Leiria, Santarém e Castelo Branco; Sindicato dos Metalúrgicos do Sul; os dois sindicatos da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás (Sinquifa e Sinorquifa); e o Sindicato das Indústrias Eléctricas do Norte e Centro (STIENC). Estes sindicatos tomaram medidas para aprofundar, a todos os níveis, a cooperação e a aproximação que já se tornaram habituais no quadro da federação.

Os quatro sindicatos a constituir, cujos estatutos irão à aprovação naquelas assembleias-gerais, serão pluridistritais, abrangendo as regiões **Norte** (distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real e Bragança), **Centro-Norte** (Aveiro, Viseu, Guarda e Coimbra), **Centro-Sul** (Lisboa, Leiria, Santarém, Castelo Branco e regiões autónomas da Madeira e dos Açores) e **Sul** (Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro). A reestruturação sindical - debatida amplamente na organização, envolvendo dirigentes

e delegados - dá assim um passo muito importante, no sentido apontado há muito pela CGTP-IN e, mais recentemente, pelo 1.º Congresso da Federação, a 30 de Novembro de 2007, e pelo encontro nacional sobre organização sindical no sector, a 12 de Novembro de 2009. Como af se salientou, o objectivo é responder, do ponto de vista da estrutura sindical, à destruição do aparelho produtivo e, em especial, de grandes unidades industriais, de modo a salvaguardar a organização e conseguir recursos para desenvolver a luta dos trabalhadores. No manifesto que os oito sindicatos subscreveram em conjunto e que foi distribuído aos trabalhadores a partir de Março, aquele objectivo da reorganização é concretizado em seis pontos:

- **agrupar** forças dispersas, **melhorar a gestão** dos recursos (humanos, técnicos e financeiros) e melhorar a **organização** e a

acção dos sindicatos;

- **potenciar a capacidade reivindicativa** e de luta dos trabalhadores, para melhorar as suas condições de vida e de trabalho;
- **intervir**, com dimensão reforçada, na defesa do emprego estável, contra a precariedade, pelo respeito da contratação colectiva e dos direitos;
- melhorar a **força reivindicativa** dos trabalhadores, dando mais ênfase às suas aspirações a todos os níveis de intervenção;
- chegar a **mais trabalhadores** e a **mais locais de trabalho**, de forma **mais activa** e **mais eficaz**;
- implantar uma **estrutura** descentralizada, leve e operativa.

Participação

A participação dos trabalhadores é determinante para o sucesso deste projecto. Através da rede de delegados sindicais, as propostas de estatutos dos quatro novos sindicatos vão ser amplamente divulgadas, na quinzena que antecede as assembleias-gerais. Conhecendo e podendo pronunciar-se sobre o processo de fusão e sobre os estatutos do seu sindicato, caberá aos trabalhadores sindicalizados a decisão de avançar no caminho do reforço da organização de classe. Vão tomar essa decisão com o seu voto e com a sua participação militante em toda a vida sindical.

Faz todo o sentido

Este novo passo na reestruturação sindical é necessário e faz todo o sentido. No manifesto conjunto, os sindicatos lembram que existe uma grande afinidade entre os sectores abrangidos, havendo cada vez mais empresas que trabalham para o mesmo segmento de produção, como acontece nas energias renováveis, na produção de componentes pa-

ra o sector automóvel. Também no sector da energia, há uma complementaridade cada vez maior, entre a Galp Energia, a EDP e a REN.

Nos parques industriais, com problemas semelhantes e idênticos objectivos, os trabalhadores ficam a ganhar, se estiverem organizados não em diferentes sindicatos, mas num único sindicato da CGTP-IN.



Saudamos e confirmamos



Jacinto Anacleto
Presidente da Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Mineira

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Mineira concorda, em absoluto, com o processo de reestruturação em curso nos sindicatos da Fiequimetal.

Embora, no actual momento e atendendo às especificidades deste sindicato, a sua inclusão neste processo não tenha sido considerada oportuna, estamos disponíveis para considerar qualquer possibilidade futura de adequação de estrutura, com a nossa participação.

Hoje o sindicato tem âmbito nacional. A reestruturação decidida e levada a cabo, há uns anos, revelou-se necessária, face às erróneas políticas seguidas no sector extractivo pelos sucessivos governos. Essa reestruturação revelou-se igualmente adequada e teve resultados muito positivos, permitindo uma intervenção melhor e com maior amplitude, na defesa dos postos de trabalho e na defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores, com melhor rentabilização de recursos materiais e humanos.

O STIM saúda a decisão tomada pelos sindicatos, na certeza de que esta será decisiva para a melhoria da resposta sindical aos problemas com que os trabalhadores se confrontam.

Antecipar o futuro



Ribeiro dos Santos
Coordenador do Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Norte

Agir no presente, antecipando os problemas do futuro! Esta é sem dúvida a razão motivadora desta reestruturação.

Os trabalhadores portugueses e as suas organizações representativas desenvolvem um intenso combate, para estancar a galopante tentativa de assalto aos seus direitos, fruto da legislação laboral, aprovada pelos sucessivos governos, a que o Governo PS/Sócrates quis dar a sua marca, introduzindo mecanismos que visam possibilitar a regressão da contratação colectiva, abrindo caminho às velhas aspirações do grande patronato, que quer trabalhadores mais submissos e reduzir ao mínimo os custos do trabalho.

Perante uma oportunidade histórica, os sindicatos da indústria transformadora encararam, e bem, encetar esta reestruturação, que tem como objectivo principal dotar estas nossas organizações de estruturas mais ágeis e com maior capacidade de resposta, respondendo assim aos justos anseios dos trabalhadores por nós representados.

É com toda a confiança que avançamos para este projecto, seguros de que estamos a agir na defesa dos direitos.

Factor mobilizador



Daniel Sampaio
Coordenador do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas do Norte e Centro

No tempo presente, o agravamento da exploração infame dos trabalhadores não acontece porque o capital tenha aumentado a sua força por algum dom da natureza, mas porque tem beneficiado, como não há memória, do apoio de um aliado entusiasta que, no exercício dos poderes políticos, rompe promessas e obrigações, juntando-se aos senhores do lucro, em vergonhosa e pensada opção de classe, contra aqueles que diz defender. O Código do Trabalho é disso o exemplo mais elucidativo.

Neste contexto, e respondendo com confiança à desigual relação de forças, os trabalhadores devem unir-se mais ainda, concentrando as suas forças em sindicatos de maior expressão, pois nada está perdido, apesar dos ventos não soprarem de feição. Há que contrariar a tendência!

Para isso, com confiança, apoio e participo na reestruturação sindical, para que se constituam sindicatos unidos e fortes, sinónimo de trabalhadores unidos e fortalecidos. E proponho-o aos associados do STIENC, convicto de que este é este o caminho que gera mais força para as necessidades de hoje na luta pelos direitos; na conquista de uma sociedade mais digna e justa para todos.

Continuamos a participar



Branco Viana
Coordenador do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias da Metalurgia e Metalomecânica do Distrito de Viana do Castelo

Nos últimos 10 anos, o nosso sindicato alargou a influência aos pólos industriais. Em Vila Nova de Cerveira, Arcos de Valdevez e Ponte de Lima, abrimos delegações, permitindo uma melhor ligação entre trabalhadores e sindicato. Contámos, em 2008, mais 379 sócios do que em 2002.

No Encontro Nacional sobre Organização, em Novembro, depois de um longo período de discussão aos diversos níveis, o sindicato optou por não aderir ao projecto de fusão. Dadas as características da região e a realidade actual, quer pelo trabalho desenvolvido com as novas empresas, quer pela cultura implementada em empresas como os Estaleiros de Viana e a Browning Viana, a «eventual» adesão a esse projecto traria, no imediato, complicações para a organização sindical do distrito, quer em termos de identidade, quer em termos culturais.

No entanto, reafirmámos que não inviabilizaríamos a reestruturação, continuando a participar e a pertencer à federação.

Também agora reafirmamos que não fechamos a porta, em termos de futuro. No caso da situação laboral e social do distrito se alterar, estaremos abertos, como sempre, a encontrar a melhor saída para os trabalhadores.

Depoimento a reestruturação

Juntos mais fortes

Faz parte da história



Celestino Gonçalves
Coordenador do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Distrito de Braga

Para os metalúrgicos do distrito de Braga, a compreensão da necessidade de os trabalhadores unirem esforços e reforçarem a organização, para melhor defenderem os seus direitos, não é uma novidade.

Desde que, em 1969, os trabalhadores elegeram uma direcção da sua confiança para conduzir os destinos do sindicato, estivemos na fundação da Intersindical Nacional, decidimos a reorganização do sindicato em 1981, contribuimos activamente para a luta nacional dos metalúrgicos, com os demais sindicatos organizados na federação, e sempre cooperámos solidariamente com o movimento sindical no distrito.

Por isso, neste momento em que os sectores da indústria estão a ser atingidos pela política de destruição do aparelho produtivo, que já levou à liquidação de centenas de empresas e à destruição de muitos milhares de postos de trabalho, com o patronato a tentar destruir os direitos da contratação colectiva, estamos preparados para dar este novo passo em direcção ao futuro, que é sermos um dos fundadores do Sindicato das Indústrias Transformadoras, Energia e Actividades do Ambiente, do Norte. Uma coisa é certa: juntos, somos mais fortes.

Unidade e trabalho



Luís Pinto
Coordenador do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Norte

O mundo laboral apresenta-se feroz. A grande arma dos trabalhadores é sem dúvida a unidade, aliada à organização.

Todos nós, que ganhamos a vida com o nosso trabalho e recebemos um salário, temos fortes interesses comuns: defender o posto de trabalho e o poder de compra, lutar contra a precariedade, exigir boas condições de higiene e segurança, fazer respeitar os direitos consagrados na contratação colectiva e construir um futuro melhor para nós e para os trabalhadores vindouros e para o nosso País.

Com esta necessidade comum e com a vontade dos associados dos sindicatos

tos sobre
o dos sindicatos

Somos fortes!

Fundada confiança



Júlio Balreira
Coordenador do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas dos Distritos de Aveiro, Viseu, Guarda e Coimbra

Ao longo dos anos os sindicatos tiveram a capacidade de encontrar os melhores caminhos, com dificuldades naturais em organizações com as características das nossas. Também agora, e com a participação activa dos trabalhadores, saberemos estar à altura das necessidades.

Seremos também capazes de reforçar a organização de base, com mais sindicalização e a eleição de mais delegados sindicais, atrair os jovens trabalhadores, dinamizar novas formas e métodos de intervenção, com a experiência e culturas das organizações sindicais envolvidas.

Os trabalhadores compreenderão o alcance da reestruturação em curso, e terão uma participação massiva na Assembleia Geral que vamos realizar nos dias 27, 28 e 29 de Maio, nas empresas e nas delegações do sindicato.

A junção dos Sindicatos dos Metalúrgicos de Aveiro, Viseu, Guarda e Coimbra, recordei, permitiu uma melhor resposta e um contacto mais directo com os trabalhadores, e traduziu-se no reforço da organização, no aumento da sindicalização e no surgimento de novos quadros, o que permite olhar o futuro com confiança.

tos das indústrias metalúrgica, química e eléctrica, vamos fazer nos dias 27, 28 e 29 de Maio, em assembleias-gerais descentralizadas, a fusão dos três sindicatos e construir um só sindicato a Norte.

Com esta fusão acredito que a palavra unidade, tantas vezes proferida em acções de manifesto (mas ténue em acções sectoriais), irá ganhar outra dimensão e a resposta aos anseios dos trabalhadores será mais eficaz. Espera-nos muito trabalho, é certo. Mas com muita responsabilidade, solidariedade e unidade, venceremos os obstáculos.

Necessária e fundamental



Navalha Garcia
Coordenador do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas dos Distritos de Lisboa, Leiria, Santarém e Castelo Branco

Com a criação do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Transformadoras, Energia e Actividades do Ambiente do Centro-Sul e Regiões Autónomas, que vai abranger o actual âmbito regional do nosso sindicato, ficamos em melhores condições para salvaguardar a organização, face às consequências das alterações que se têm verificado no tecido produtivo, e com mais recursos para apoiar a luta dos trabalhadores, em mais locais de trabalho e para resistir à ofensiva patronal.

Dado que existe uma estreita afinidade dos sectores da metalurgia, da química e das indústrias eléctricas, cujos trabalhadores trabalham lado a lado, com problemas semelhantes e com os mesmos objectivos, a reestruturação que agora vamos concretizar era necessária e fundamental para o reforço da organização.

Apelo a todos os trabalhadores da metalurgia para que tenham voz activa na construção do futuro, participando fortemente na assembleia-geral extraordinária, nos dias 25, 26 e 27 de Maio.

Sempre com os trabalhadores



Manuel Correia
Presidente da Direcção do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas

Os órgãos dirigentes do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas decidiram que este não deveria integrar o actual processo de reestruturação sindical promovido pela Fiequimetal. Isto, sem prejuízo de o sindicato continuar na estrutura e de acompanhar com atenção o processo de reestruturação em curso.

O SIESI, que é membro fundador da CGTP-IN e da FSTIEP (a qual posteriormente se fundiu na Fiequimetal), vai continuar a trabalhar e a cooperar com todos os sindicatos do movimento sindical unitário, designadamente com os que vão resultar deste processo.

O SIESI vai, naturalmente, continuar a desenvolver o seu trabalho, como sempre desenvolveu ao longo da sua já longa história de cerca de 71 anos: de uma forma organizada, assente em planos e objectivos sindicais concretos, com prioridades e metas previamente estabelecidas e com uma acção permanentemente virada para os locais de trabalho e para a defesa intransigente dos interesses dos seus associados e de todos os trabalhadores, em geral.

Decisão histórica



Delfim Mendes
Coordenador do Sindicato dos Trabalhadores da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás do Centro, Sul e Ilhas

É histórica, a decisão de oito dos sindicatos filiados na Fiequimetal se juntarem e fundirem em quatro novos sindicatos, com mais força e mais capacidade para estarem e intervirem mais nas empresas, onde os problemas começam e onde os trabalhadores mais precisam de apoio e ajuda. Na verdade, face à realidade laboral do nosso país, já não faz sentido que os trabalhadores dos sectores das indústrias eléctricas, da metalurgia, da química e farmacêutica estejam divididos por sindicatos diferentes, dispersando as suas forças e capacidade reivindicativa.

Os sindicatos organizados na CGTP-IN são a melhor arma dos trabalhadores para promoverem e defenderem a melhoria das suas condições de vida e de trabalho. Sem esta luta firme e persistente, a situação do País e dos trabalhadores estaria ainda pior. Para se defenderem do feroz ataque dos sucessivos governos contra as conquistas alcançadas após o 25 de Abril de 1974, para defenderem a contratação colectiva e os seus direitos fundamentais, combaterem as crescentes arbitrariedades e ilegalidades do patronato, os trabalhadores precisam de estar mais unidos e de ter sindicatos mais fortes.

Na unidade está a força



Américo Flor
Coordenador do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul

Acompanho deste a primeira hora a discussão sobre a reestruturação sindical e sempre estive de acordo com ela, por entender ser muito importante, para a luta dos trabalhadores, a unidade entre os trabalhadores dos vários subsectores.

Da discussão feita nos órgãos do sindicato, o entendimento é unânime: juntos somos mais fortes.

Se recordarmos hoje a reestruturação realizada nos anos 80, com os sindicatos dos Metalúrgicos de Beja, Évora, Faro, Portalegre e Setúbal a constituírem o Sindicato dos Metalúrgicos do Sul, verificamos que valeu a pena o trabalho desenvolvido, pois o sindicato ficou mais forte e os trabalhadores filiados ficaram mais protegidos.

Agora, com o envolvimento dos camaradas químicos, com os quais em Setúbal já trabalhamos em conjunto há vários anos, e o alargamento também aos subsectores da energia, do ambiente e da logística, vai haver condições para a criação de um grande sindicato a nível do Sul do País, o que se torna muito importante para a luta que todos os dias travamos em defesa dos direitos dos trabalhadores.

O tempo exige, a experiência dá confiança

No tecido produtivo e na legislação laboral, a política de sucessivos governos e a constante pressão do patronato alteraram as principais características da indústria nacional e colocaram novas dificuldades à organização e acção dos trabalhadores.

Ao fim de mais de trinta anos de resistência, depois das conquistas alcançadas com a revolução de Abril, os sindicatos mantêm uma força significativa e continuam, no fundamental, a desempenhar o seu papel como instrumentos para a defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores. Mas modificou-se profundamente a base da organização sindical na metalurgia e metalomecânica, nas indústrias eléctricas, no sector químico e farmacêutico, na produção e distribuição de energia e combustíveis.

Trabalho sindical dificultado

Foram destruídas importantes unidades industriais e houve sectores que foram liquidados ou ficaram com muito reduzida

Uma resposta à altura das alterações estruturais

dimensão. Assim sucedeu na metalomecânica pesada, na siderurgia, na indústria naval (que chegou a ter 20 mil trabalhadores e agora tem menos de cinco mil), na indústria química de base, na indústria farmacêutica. A EDP, antes do desmembramento e da privatização, teve mais de 20 mil trabalhadores, mas as empresas do Grupo EDP e REN têm agora menos de sete mil e continuam a reduzir.

Com reestruturações e privatizações, as grandes empresas da indústria e energia estimularam o aparecimento de outras empresas, alimentadas pela política de subcontratação (outsourcing) e baseadas no emprego precário, nos baixos salários, na ausência de direitos dos trabalhadores. Com o apoio do Estado português e da União Europeia, de quem receberam generosos subsídios e incentivos, instalaram-se no País várias multinacionais, que sempre procuraram manter salários baixos e liquidar os direitos dos trabalhadores e a contratação colectiva. Mal lhes surgiram outras fontes de lucros rápidos, muitas delas começaram a «levantar a tenda» e deslocalizaram a produção, deixando instalações vazias e centros de emprego cheios. Durante estes anos, o grande patronato e o Governo desenvolveram uma intensa campanha ideológica, procurando afastar os trabalhadores da organização e da acção colectiva. Ao mesmo tempo, atacavam a contratação colectiva e desenvolviam um dos maiores ataques contra os direitos sociais e laborais, designadamente, com as graves alterações ao Código do Trabalho. Neste contexto, em que milhares de trabalhadores sindicalizados foram lançados no desemprego, os

sindicatos e a federação tomaram medidas para responder a novas exigências da acção sindical. A organização está dispersa por maior número de locais de trabalho e necessita de mais apoio para defender os direitos, face à passividade da Inspeção de Trabalho e à morosidade da Justiça.

Base para crescer

A fusão de sindicatos e federações, a partilha de recursos e instalações nas «casas sindicais», o trabalho conjunto para realização de acções de luta, a discussão colectiva de problemas e soluções, a sindicalização e eleição de delegados e dirigentes - tudo isto contribuiu para que, até hoje, continuasse a existir uma organização sindical forte e actuante. Os sindicatos da Fiequimetal contam com mais de 60 mil associados, mais de 400 dirigentes e mais de 1400 delegados. Não há sindicatos «inviáveis». Há sim um vasto tecido empresarial, com milhares de trabalhadores que precisam de sindicatos fortes, com mais meios humanos e recursos materiais, para os apoiarem na organização e na acção pela conquista de melhores condições de vida e de trabalho. Nos sectores abrangidos pelos sindicatos da federação, haverá cerca de 500 empresas com mais de cem efectivos, onde trabalham mais de 120 mil pessoas; e há quase 250 mil trabalhadores, em 3800 empresas com mais de 20 pessoas nos seus quadros. Os novos sindicatos terão melhores condições para aproveitar as potencialidades de alargamento e reforço da organização, da unidade e da luta dos trabalhadores.

